

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Cronico BrasileiroCLASS. : YanomamiDATA : 23 05 91PG. : 16

Garimpo leva malária para os ianomami

O retorno de garimpeiros à reserva dos índios Ianomami, na região de Roraima, trouxe de volta a malária. Quase 40 por cento da população indígena contraíram a doença e 30 índios já morreram. Segundo o coordenador de Saúde Indígena do Ministério da Saúde, Marco Antonio Guimarães, se os garimpeiros não forem retirados imediatamente da área será impossível conter a malária, e é quase certa a chegada da cólera à terra Ianomami.

A falta de fiscalização por parte da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Polícia Federal (PF), responsável pela expulsão dos garimpeiros, é a principal causa da nova onda de malária, conforme Guimarães. Os garimpeiros são os maiores propagadores da doença devido às precárias condições sanitárias dos garimpos e ao fácil contato com os índios. O MS estima que existam cinco mil deles em solo Ianomami hoje. Quando a PF atuava na área o número foi reduzido para 500.

A região mais atingida pelo surto de malária é a de Paapiu, onde em algumas comunidades 80 por cento dos índios sofrem da doença. Paapiu fica às margens do rio Uaricuera, considerado a porta de entrada de garimpeiros na área. Em suas águas estão instaladas mais de 100 balsas de sucção para a retirada de ouro. "Mesmo com o trabalho permanente do Ministério da Saúde na Reserva a doença não pode ser controlada com a presença de garimpeiros lá", ressalta Guimarães.

O diretor-regional da Sucam em Roraima e coordenador regional de Saúde Indígena, Oneron Pithan, informa que é grave a situação no estado, sobretudo em comunidades mais inacessíveis. Em

Homoxi, dos 120 índios, 106 são portadores de malária. Em Surucucus e Auarís foram coletadas lâminas de mil 200 índios para exames laboratoriais e 488 tiveram resultados positivos. Os 30 óbitos registrados são provenientes de Auarís.

Atendimento — Com a transferência da responsabilidade pelo atendimento de saúde ao índio da Funai para o Ministério da Saúde somente há duas semanas uma equipe de 36 pessoas foi deslocada para a reserva Ianomami. Médicos, enfermeiros e laboratoristas estão se revezando na área para dar assistência às comunidades indígenas. A maioria dos índios é atingida pelo tipo mais violento de malária, a *falciparum*.

O número de índios atingidos, segundo estimativa de Oneron Pithan, deve ser muito maior do que o registrado até agora. O acesso à boa parte das tribos só é possível de helicóptero e está prejudicado nesta época do ano devido ao início das chuvas. As áreas mais acessíveis estão sendo assistidas com a distribuição de remédios e recebem borrifação para matar o mosquito transmissor *anafilíneo*.

Impotente para controlar a doença nas atuais condições a Coordenadoria de Saúde Indígena do Ministério da Saúde espera uma medida efetiva de retirada dos garimpeiros da área. "A doença está se tornando um círculo vicioso", analisa o coordenador do setor. Até 1987 nenhum caso de malária tinha sido registrado. Os primeiros casos ocorreram no final de 87. Entre janeiro e julho do ano passado a situação agravou-se, mas foi controlada. Com a nova invasão de garimpeiros o MS recomeça o trabalho contra a malária do zero.